

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--19 de Julho --1928

**5 TOSTÕES**

**3.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**113**

sempre  
**fixe** semanário  
humorístico



Propriedade  
**RENASÇENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

# Situação angustiosa



**O NAUFRAGO** — Ail Ail Valha-me um quebra gelos!  
**O URSO** — Então que é isso? Com tanto gelo, não tens sangue-frio para te deixares engulir?!



## Os ditos da semana



**Onça de calor** Lisboa derrete-se, liquifaz-se, debaixo deste sol canicular. O altacinha inveja a sorte dos comanheiros de Nobile e a *toilette* sumaria do preto africano. O chapéu não se fez para a cabeça, como julgavam os nossos avós — pessoas nascidas no tempo em que o mundo não andava fóra dos eixos—o chapéu fez-se para a mão e para leque.

— Adeus ó coiso, então que fazes?

— Eu transpiro. E tu?

— Eu suo. Dá cá um bocadinho de saliva para pôr uma estampilha numa carta.

Uf! Isto é demais.

E não nos resta senão um unico recurso: butar. Mas não basta. Butar é apenas um desabafo, mas nem mesmo desabafo se pôde resistir a este calor dos infernos.

O melhor refugio dos encalmados, que seria a agua, nem se pode pensar nele, porque enquanto o calor aperta, o sr. Carlos Pereira da Companhia das Aguas está-se a rir, está-se nas tintas, prova evidente de que nem para ele ha agua.

Os contadores emudeceram. Não se lhes ouve já aquele estalinho de guela tão característico nos contadores que tem agua e nas gargantas de quem bebe um golo de vinho, de cerveja, ou de qualquer liquido mais ou menos potavel.

As torneiras, tanto choraram a magua do seu abandono que já nem uma lagrima deitam. E o sr. Carlos Pereira a rir-se. E a gente a morrer á sede, a deitar a lingua de fóra. O sr. Carlos Pereira, se andasse pelas ruas da baixa, á hora terrifica do calor, devia vêr uns quatro ou cinco quilometros de lingua por minuto, a saudalo a porta da boca, naquele gesto retorcido e característico que é a unica forma das linguas manifestarem o seu desprezo e o seu protesto, segundo o sistema do Zé-povinho das Caldas.

**Bosque ... sem arvores** A' semelhança das grandes capitais, Lisboa também vae ter um bosque. Não é tão grande como o bosque de Bolonha, nem como o bosque de Berlim, nem como o bosque da Haia, que é uma verdadeira floresta dentro de uma cidade, mas vai ter o Parque Eduardo VII, com uma porta monumental, com um lago monumental, com palacios suntuosos. O lago está quasi conclui-

do, e fica obra asseada. E' tão grande que pode comportar toda a nossa esquadra, em manobras. Por enquanto para ser lago, não lhe falta nada senão agua, mas isso não tem importancia, como ao Parque Eduardo VII, para ser parque, para ser bosque não falta nada senão arvores, mas isso também não tem importancia. O essencial é que a Camara tenha resolvido que aquilo que fica ali ao alto da Avenida é um parque, para que o seja. Nem a Camara Municipal era capaz de dizer uma coisa por outra.

Depois, daqui por dois ou trez anos, quando as obras já estiverem terminadas, vai a gente numa tarde de agosto apreguiçar-se num banco, debaixo das arvores imaginarias, cuja sombra deleitosa se entenderá até á estatua do Marquez.

Ha-de haver quem estranhe, não vêr carvalhos colossais bracejando no espaço, nem platanos frondosos rumorreando por cima das cabeças, mas isso é proprio da gente de Portugal que vai comendo e dizendo mal. A esses aconselha o *Sempre Fixe* a leitura dos jornais de 1927-28, em que vêm as noticias de que a Camara vai transformar aquele escalracho, num exuberantissimo parque de sombras amigas.

Teremos o que pode chamar-se uma floresta por disposição da lei. E quem for exigente, quem achar pouca sombra, que leve um chapéu de sol ou uma barraca de campanha e um *termo-flache* com agua gelada.

Aquilo vai ser uma delicia: arcos e pontes, lagos e barquinhos, palacios e pilones, cisnes e poeira. As arvores,

aquelas arvores banais que ha em toda a parte e que não são atributo de civilisação, porque até no paraiso terreal as havia, essas, virão um dia, lá para o ano de 3.000, quando toda a população altacinha tiver succumbido nas terras do Parque, como succumbem as caravanas ao atravessar o Saraah.

**Febre amarela** Pessoas timoratas começam a recear uma invasão de febre amarela.

A febre amarela mata, mas não mata mais do que um tiro de canhão, do que a fome, do que um copo de agua da Companhia, nem mesmo mais do que uma nomeação para 3.º official de qualquer ministerio. Assusta um pouco pela novidade, mas não é coisa para alarmar uma população. De mais, nós devemos estar a coberto do perigo. A deteza está a cargo dos medicos e logo que aparece um paquete vindo de porto suspeito, os medicos tomam posições, mandam deitar a lingua de fóra aos passageiros, apalpam-nos, rufam-lhes uma marcha com as pontas dos dedos nas costelas e, se desconfiam que eles trazem contrabando patologico, impedem-lhes o desembarque.

E, sabido como é, que o mais grave das doenças são as complicações, assim que a um doente atacado de febre amarela sobrevem um medico, a morte é imediata. Uma vez morto o doente, morreu também a doença concomitantemente. Nem se comprehendia uma doença num cadaver. Que diabo tinha ela que lá fazer.

Mas, se apesar de todos os cuidados e das complicações de todos os medicos, a febre amarela viesse até nós, talvez ainda assim tivéssemos alguma coisa a lucrar.

Veriamos marchar desta para melhor tanto fiel patife que impesta a cidade, e teriamos a consolação de vêr o nosso merceiro, que é anafado e rubicundo á custa da miseria alheia, transformado numa mumia mais amarela de que uma tamara. Nós poderiamos ir também na onda, mas ao menos iam contentes e em boa companhia, porque para o caminho do inferno todos os companheiros são bons.

Deixem pois entrar a febre que é nisso que se fia o sr. Carlos Pereira, para a agua da Companhia chegar para abastecer a população.

### GENTE DE TEATRO

## Dr. Ramada Curto



... O homem que se arranjou

# ESPIRITISMO

Em materia de espiritismo eu era um sceptico. Agora sou um... anti-sceptico; e sou-o desde que D. Lucrecia tomou a iniciativa de me iniciar nos misterios do Além, conseguindo transformar um descrente num dos mais fieis seguidores das teorias Lombrianas.

Tendo pertencido ao numero daquelles que apreciavam melhor uma mesa com bom galo que uma dita de pé do mesmo, eu louvo agora a luminosa ideia da citada senhora — ideia que fez de mim um ente completamente diferente, levando-me até ao ponto de passar as noites em ligação permanente com a «Associação de Classe das Almas do Outro Mundo», e outras colectividades em destaque na Além-Mundania.

Ser espirita é ser economico; não se pára pela Grande Parada, não se agarra a Garra do Alves da Cunha, e por consequencia poupa-se dinheiro.

Senta-se a gente á mesinha, e vai chamando amigos saudosos, sogras irritantes, navegadores heroicos, e todas as mais variadas entidades que lembram á nossa mente «espiritualis-sosounssaid u...» no 'se e 'depeza ao nosso chamamento, ou então se é á hora de qualquer occupação nos mandam «chatear outro» duma maneira muito significativa: deixando ficar o movel imovel.

A minha predilecção são os espiritos recentes, que é como quem quer dizer, os pertencentes a pessoas recentemente falecidas; e assim foi que euvoel, ha noites, o meu em vida afeiçoado Jeremias, que morreu a semana passada de «suicidio involuntario», dum quarto andar á rua... da Rosa, por sinal.

Chamei o Jeremias e fiz a pergunta do estilo: és tu meu ex-dilecto amigo? Um silencio profundo «se fez ouvir» — repeti a pergunta: nada; mais uma vez e mais coisa nenhuma.

Até á vigesima setima, três vezes nove — vinte e sete. Preparava-me para formular a vigesima oitava pergunta, quando, subitamente, inopinadamente, me lembrei de que o desgraçado Jeremias em vida... fóra surdo-mudo!

# O FIM DO MUNDO

## Sensacional reportagem do incrível e invisível cataclismo

28 de Maio. — Ha alguns dias que os colossos da imprensa anunciam o fim do mundo. Não sei quem seja o empresario de tal espectáculo, nem calculo a enorme cifra que terá dispendido com tamanha publicidade. O certo é que o mundo acaba amanhã, 29, e tenho que fazer o diario de tão sensacional acontecimento. Quem irá ler os meus apontamentos? Talvez a S. Pedro interesse saber como isto acabou... Tenha ou não leitores, o dever impõe-me este trabalho. Encho as algibeiras com papel para original, ponho a tiracolo o meu kodak e assim durmo a minha ultima noite neste mundo. Quando será isto lido?

29 de Maio, 7 horas da manhã. — Levanto-me bem disposto. O dia amanheceu sereno como um virgem e o sol começa espreguiçando a sua ultima luz sobre o moribundo planeta. O meu mata-bicho são dois decilitros de «crendice» e um bolinho de «estupidez», refeição inicial e logica que me deve permitir o ver o fim que se anuncia.

8 horas. — Lavar a cara, para quê? Acabou-se o suplicio da agua. Parece que o mundo vai acabar pelo fogo e a agua com que eu lavasse a cara não chegaria para o apagar.

9 horas. — Saio á rua. A fatídica carroça do lixo que todas as manhãs me salpicava o fato e os pulmões com as suas imundicies brilha pela ausencia. Enfim posso respirar ar puro. Decerto a Camara, para que a gente possa assistir com saude á grande catastrophe, acabou de vez com o anti-higienico Serviço de Higiene.

10 horas. — Os placards dos jornais noticiam que foram mandados refreçar os alcerces do Teatro Nacional e das Arcadas do Terreiro do Paço. Fico passado. Sempre é certo que se recela o cataclismo. Os habitués dos cafés do Rossio dobraram de numero. Todas as paredes se encontram escoradas com os seus corpos indolentes. Se calhar tambem é por medida de precaução. Mas vejo em todos os rostos o reflexo da Morte. Até o Imperador do Mexico, a fingir de S. Pedro, está mais verde do que é costume.

11 horas. — Dizem-me que os nossos vasos de guerra foram mandados ancorar no Parque Eduardo VII, não vá o mar engulir tão preciosas reli-

quias. Mas não puderam fundear por falta de fundo. Tambem para que os quer o mar?

Meio-dia. — Tomo um electrico Estrela-Camões. O condutor, muito delicadamente, chama-me bruto e manda-me sair por ter a lotação completa e, com um excesso de cortezia, põe-me fóra aos encontrões. Decido ir a pé pelo Chiado. Francamente era preferivel morrer ao fogo abrazador dos olhares de tanta mulher bonita. As lojas de modas teem tido hoje um movimento formidavel. Preparam-se toilettes para o ultimo chá dançante deste mundo. Já se marcam rendez-vous para o Paraizo, mas creio que lá a moda da parra ainda está muito em voga. Porém, o dernier cri será a folha de mangerico *Georgette*, ultima criação dos costureiros celestes.

1 hora da tarde. — Almoçar, para quê? A sensação da Morte pode produzir-me alguma congestão e não poder eu acabar a reportagem. Oiço chamar. A' minha volta ninguém conhecido. Outra vez; parece que vem de cima. Ah! é o poeta Chiado! Conta-me o ultimo boato. Dizem que o seu futuro colega bronzeo Marquês de Pombal vai ser mobilizado mesmo em maquette para a reconstrução de Lisboa, correndo ainda que se realizará no Coliseu um grande espectáculo a favor das vitimas; onde se exhibirá o sobredito Marquês e o seu leão amestrado.

2 horas. — Devido á enorme multidão de curiosos que na Praça dos Restauradores espera assistir ao fim do mundo, a Camara resolveu mandar armar o classico coreto — reliquia herdada das tribus celtas que povoaram noutros tempos a península — a fim de abrilhantar o espectáculo com uma banda de musica. Vamos acabar todos, mas tambem apará o mono.

Meia noite. — Em vão esperel o fim. Mas o fim não teve principio e o Universo continuará infinito como a estupidez humana. Mas, que sinto eu... vou morrer? Talvez de estupidez tambem. Mas não, o que eu sinto é uma fraqueza imensa. Não almocel nem jantei... Vou ceiar ao «farta-brutos», ali na travessa da Espera, que tem hoje certamente uma casa á cunha. Devo lá encontrar muita cara conhecida...

Xico Ximenes.

# Lições de zoologia

A pulga é um animalsinho cheio de vida e ousado como um artista cinematografico americano.

Encontra-se com frequencia na plateia do Cinema Condes, nas pernas da bailarina «Sultana», segundo afirma o meu amigo dr. Manoel Magno, nas roupas da cama, etc.

Abóia mas não tem azas e pertence á classe das aves aquaticas. Valdosa e ladina, julga-se superior ao Francis e é por esta razão que a encontramos sempre a bailar nos nossos corpos assetinados.

A pulga substitue admiravelmente as injeccões hipodermicas e é utilizada nos grandes hospitais para analyses de sangue.

A caça á pulga é um desporto interessantissimo que exige muita ciencia e superior agilidade. No presente torneio olimpico de Amsterdam fizemos tão brilhante figura que o nosso colega *O Seculo*, que foi quem preparou os concorrentes, lhes vai oferecer á chegada uma medalha de platina comemorativa do acontecimento, que assombrou todo o mundo.

A pulga, depois de caçada a luva de boz, é metida numa pequena gaiola e exposta em qualquer montra da Balxa, engordada e domesticada. E quem a não conhecer... que a compreli!

Reclix

## Entrou um novo passaro cantor no Jardim Zoologico

Quando, na noite de sabado, se elevou, entre as ramarias do Jardim Zoologico, a voz maravilhosa de Antonio Menano, só não se repetiu o caso de Orfeu porque os bichos do nosso Parque são feras a fingir, não carecendo, portanto, de serem amados. Mas o caso é que entre a bicharia havia grande entusiasmo e, se bem que o macaco preferisse duas duzias de amendoim ou pevide, e o elefante algumas cédulas de tostão, não deixou de os comover aquela voz que deu ao fado uma alma nova, despendo-o de certos farrapos de mau gosto que o rebaixavam e oferecendo-o claro e limpo como um cristal.

Eu, que não me considero irracional, embora muitas vezes digam que não tenho razão, confesso que participei do interesse e da anciedade dos camaradas de varias especies que enchem as jaulas do Jardim Zoologico. E estou já daqui a adivinhar o comentario intuitivo do leão quando o dr. Menano lhe disse, por musica, que «o seu menino é de ouro»:

— Se fósse de carne e osso, era uma canja!...

Em resumo: a colecção preciosa das aves canoras do nosso parque zoologico foi, por momentos, enriquecida com um formosissimo e admiravel exemplar: o Rouxinol do Mondogo.

Alvaro Lopes.



O turista — Esta é nova caverna prehistorica?

O rapaz — Esta é a segunda que foi descoberta. A nova ainda a não acabamos.

T. S. F.  
Pilha para placa — Melhor no mundo



Pilhas secas e para lanternas em todos os generos. Vendem-se nas melhores casas da especialidade. Representante Geral para Portugal e Espanha.



— Desculpa, mas díze-me uma coisa. Porque andas tu com um chapéu tão antiquado?

— A culpa é da minha mulher. Diz que não sal comigo trazendo eu este chapéu...

# MANIAS



— Que está ela a fazer ali.  
— Está a ver um ninho de melros.  
— Mas que mania, já em Lisboa, só namora pretos!



Parada e resposta

Euzebio, o «Euzebio Cabrita», como todos lhe chamavam, era um estudante boémio, que nas escolas por onde andara tinha criado os primeiros cabelos brancos, tendo sido, quando aluno de anatomia da Faculdade de Medicina, um estudante crónico.

A sua auréola e a sua fama proviham, principalmente, das suas respostas aos mestres, respostas celebres pela sua calma e espontaneidade, mesmo quando dizia as maiores barbaridades, o que era vulgar suceder.

O interrogatório durava ha muito tempo e Euzebio esquivava-se habilmente de responder ás perguntas do lente, ou respondia com um ar seguro de si, cheio de pericia e mestria, ao que não sabia. A certa altura, o examinador, pegando num pequeno osso, volta-se para ele, perguntando:

— Que osso é este?

Euzebio examinou o osso e respondeu:

— Isso deve ser o foide...

— Porque é que o senhor diz «deve ser»?

— Pela simples razão de muito bem conhecer todos os ossos, por ter em casa uma colecção onde apenas falta o foide. E, como não conheço este, calculo que deve ser exactamente o foide.

— Pois, meu caro senhor, disse o lente ironicamente, faça o favor de tomar nota do coxix, porque tambem lhe deve saltar na colecção.

**Sortes grandest**  
só o PINA as vende  
75 - Rua de S. Paulo - 77



— Sim. Digo-to a ti, a ti, a ti. E não tenho mais do que uma cara.

— Pois isso é que é pena.



Ele — Não enhas duvidas: Casamos, e assim que eu perceber que estás aborrecida de mim, dou um tiro nos miolos.

Ela — Pois, olha, sempre é bom saber isso.

NO FERRO DE ENGOMAR.

A festa da "Guitarra de Portugal"

No restaurant «Ferro de Engomar», 200 convivas, entre os quais se encontravam os mais celebres fadistas de Lisboa, homenagearam no ultimo domingo Linhares Barbosa, director da *Guitarra de Portugal*.

A nobresa fez-se representar por D. José de Bragança. O sr. dr. Almeida Ribeiro, em nome do Direito, lembrava a conveniencia dos convivas não perderem a linha... vertical. O professor Sousa Lopes, que ensinou a cartilha a muito fadista, estava all na festa, contrariando aquele celebre preceito dum afamado amador da canção nacional, que afirmava, no auge do entusiasmo: «Ele canta bem, mas... não diz asneiras. Assim não presta...»

A medicina fez-se representar pelo sr. dr. Vasco Fernandes. O Brasil enviou um diplomata, que foi na verdade o grande diplomata do almoço, fazendo intervir, como uma esquadra, o avanço das guitarras para impôr silencio... aos revoltosos... A Boa Hora enviou, como seu representante, o sr. Mega, que fez bem a diligencia para que o almoço não viesse atrazado e uma festa da canção nacional não desandasse em longa serie de discursos.

O Bairro Alto e a Mouraria tambem se fizeram representar, com trajes a rigor. Ele e Ela não precisavam de caracterizações. Matavam-se á legua, mesmo com dois litros no bucho.

Felix Correia, a quem foi feita uma carinhosa ovação, representava Icaro e as outras figuras da Mitologia. Eduardo Frias, mesmo em mangas de camisa, representava muito bem a filosofia e os humoristas especializados em acompanhar enteros.

\*\*\*

Joaquim Clington e Avelino de Sousa descerram o retrato de Linhares Barbosa, primoroso desenho de Saavedra Machado. Os tocadores Mota Gonçalves e João Fernandes entram a tocar. Estas coisas são anunciadas pelo sr. Oliveira Piedade, que é da comissão e desempenha as funções de... *haut-parleur*.

Começa a cantar Francisco Viana:

«Quem me dera o tempo ido em que a Cacilda encontréi...»

Seguem-se o Machadinho, Maria Emilia Ferreira, Guilherme Coração, que brinda assim:

«O Fado é minha paixão  
O Fado é minha e minha alegria  
Hoje nesta reunião  
Se não cantasse, morria.»

A voz da Mouraria:

«Não reparem no meu traje  
Uso chale, isso que importa?»

Seguem-se João Maria dos Anjos, Felipe Pinto e Renato Varela.

Nesta altura, justamente no momento em que devia entrar a galinha assada com batatas, levanta-se um pequeno borbórinho. Quando um dos cantadores florea a sua ultima glosa, tomba com grande estrepito uma garrafa.—«E' de proposito!»

A garrafa nervosa torna a cair. Ha protestos. Clington pede um reforço de som nas guitarras. A galinha, atônita, resolve não aparecer na mesa e o *haut-parleur*, ajudado por alguns convivas, exclama: «E' o fado, meus senhores.»

Avelino de Sousa chora. Outros abraçam-se. A guitarra geme e D. José de Bragança tenta preparar a uma cadeira e exclama: «Tudo menos discursos!»

Como um anjo de paz, entra a galinha com batatas.

\*\*\*

Cantam ainda Armando Barata, Alfredo Marceneiro e D. José de Bragança, que começa assim:

«Se a Severa aqui voltasse...»

A todos os cantadores, Linhares Barbosa respondeu com uma quadra, de improviso.

Foi uma bela festa do Fado, com fidalgos, doutores, fadistas e guitarras.

O plano, coltado, envergonhado, encolheu a cauda...

Festas e Festas



—O Ribeiro depois da sova que apanhou ficou em casa das Gómes?...  
—Não. Saliu e foi ao Concerto das Costas.

SURPREZA

Vão ser incendiadas as capelas de Lisboa

Um dos nossos *reporters* mais sagazes, mais metedicos na vida alheia, acaba de descobrir, sem auxilio de qualquer Custodio das Dóres ou de qualquer Redondo, embora belo, uma seita que pretende incendiar, por ordem do Grão-Mestre *Paga Ahí Que Eu Já Venho*, as capelas de Lisboa.

O mundo catolico, desta vez, é que se acaba,—o mundo catolico que presta homenagem a Baccho, queimando, em seu holocausto, os fígados, o baço, as visceras, o estomago e os pulmões. Apre, que já isto é um grande incendio, incendio que não se apagará nem á mão de Rodrigues Alves, com o seu sequito de auto-bombas e agulhetas!

Ha menino que não se conforma com a noticia, eu sei! Porém, esta *caixinha* é verdadeira, tão roxa como o vinho, tão clara como a agua...

A seita, mais o seu Chefe Supremo, costuma reunir-se, sob a presidencia deste, envergando opas da côr do leite, na Cova Funda, ao Beato. Numa das suas ultimas sessões, foi aprovada uma moção, segundo a qual todos os abstinentes seriam obridos a incendiar as capelas de Lisboa.

E' o que vai ser um facto. Os homens do leite disseminar-se-hão por todos os bairros da cidade e, das 10 para as 11 horas da noite—uma noite caliginosa a triste como a Morte, como diria o Artur Portela—eles, segurando fogachos e latas de auto-gaz, deltarão fogo ás capelas tão queridas dos nossos vinhaticos alfacinhas. Mas a coisa não fica por aqui: Depois de consumado o acto sacrilego, as capelas serão novamente reparadas, passando pela grande transformação de, em lugar de vinho, venderem—oh! Santo Cristo!—leite.

Existem tambem mulheres metidas na conspiração.

A' nossa informação, cuja veracidade garantimos, temos que juntar o seguinte: Sabemos que um numeroso grupo de devotos do puro sangue de Cristo, de que faz parte o periodista, para conhecimento de tal sacrilegio, vai solicitar do ministro detentor da pasta das Provas que, justiça lhe seja feita, isto é, que ordene desde já, em louvor de Nossa Senhora da Alimentação, que uma força composta de jornalistas, musicos, actores, carroceiros, sacristães, sapatelros e mulheres que fumam seja distribuida pela cidade, a fim de guardar corajosamente, religiosamente, as santas capelinhas, que tantas horas de alegria, alegria doida, roxa e sã, tem dado ao hipocondriaco lisboeta!

Consta que, a proposito desta noticia, se tentou suicidar um camarada nosso.

Ivinho



A *indigena*—E' curioso ver a maneira como se vestem os estrangeiros...

# Elevador da Gloria

A proposito de calor... Não ha ninguem contente com o que se passa no ceu, na terra e em casa do visinho. Por baixo de mim mora um velhote que tem um piano, um papagaio, uma vitrola e um aparelho de telefonia sem fios. Como não tem mais nada que fazer, e noutros tempos andava sempre agarrado á batuta, uma vez por outra punha todo aquele sistema dissonante a trabalhar. A visinhança protestou. O meu visinho vestiu-se de luto, vendeu o piano, estrangulou o papagaio, avariou a radio-telefonia e quebrou todos os discos.

Agora, quando os visinhos saem, perguntam ao porteiro:

— O que tem o velhote do terceiro? Sempre calado. Lá em casa não se ouve nada. Aquilo ha coisa!... Será ele conspirador?...

*Mutatis, mutandis*, com o tempo é a mesma coisa. Se no inverno chove, tudo protesta:

— Isto não pode ser. Nunca tivemos um inverno tão rigoroso. Anda tudo constipado. Morreu fulano, cícrano, beltrano, mas o malandro do meu merceiro, a quem devo trezentos escudos, continua usufruindo uma magnifica saude.

Mas, se é de verão, a cantiga é outra. Ninguem se importa que seja Agosto, nem com as condições naturais da mãe natureza.

De sorte que, o *Sempre Fixe*, propõe-se resolver o problema da seguinte maneira.

Transferir o verão para o inverno, com ida e volta, ficando cada um convencido de que no inverno faz um sol esplendido quando devia chover, e que no verão ha um frio glacial quando o sol podia muito bem elevar os termómetros aos 33 graus da praxe. Não acham razoavel? Ninguem mais protestaria contra o tempo, que vem sempre a tempo, por mais que lhe façam e que o desacreditem.

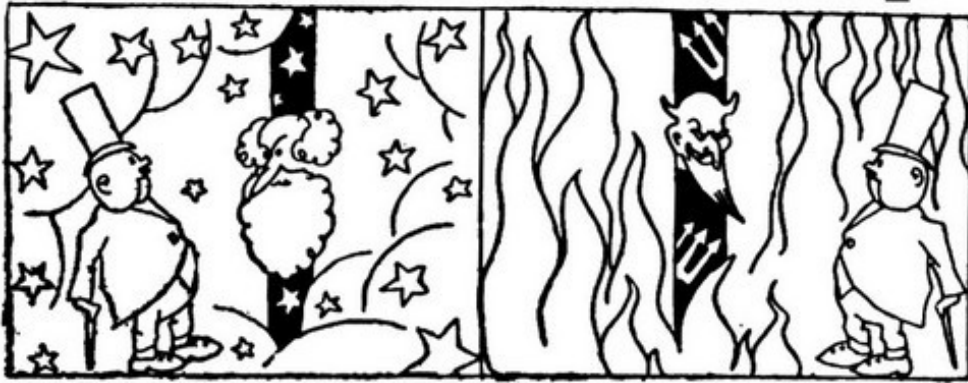


— Bons dias, sr. Dupont... Como está mudado. O sr. dantes era mais alto do que eu.  
— Perdão, eu não sou o sr. Dupont.  
— O quê, então mudou também de nome?



E assim se conhece que foi director duma companhia de cavalinhos.

# Morrer antes de tempo



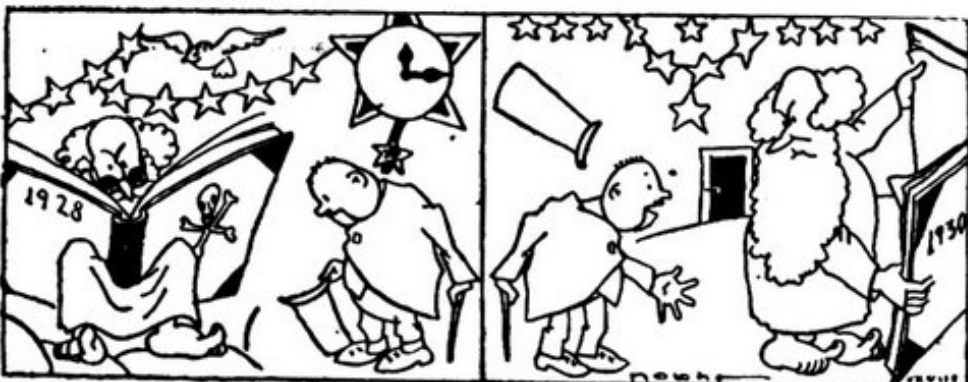
— Senhor S. Pedro, acabo de morrer e venho entrar no ceu.  
— Como se chama?  
— Eustaquio Limanaguas.  
— Não, não é aqui. Naturalmente é no Inferno.

— Sr. Diabo, no Ceu não me querem, o meu lugar deve ser no seu reino.  
— Como se chama?  
— Eustaquio Limanaguas.  
— Ná, não está cá no registo. Deve ser no Purgatorio.



— Sr. Arcanjo. Nem no Ceu, nem no Inferno me dão entrada. O meu lugar é no Purgatorio com certeza.  
— Como se chama?  
— Eustaquio Limanaguas.  
— Ná! Aqui não é. Quem o pôde informar sobre o caso é S. Pedro.

— O' santissimo sr. S. Pedro. Nem no Inferno me metem. Querem lá vêr que eu sou uma alma penada?  
— Que quere que eu lhe faça? Tenho a certeza que o seu nome não está ainda no Registo para morrer hoje!



No entanto deixe lá vêr: Eustaquio, Eustaquio, ná, não está cá. Espere. O sr. morreu de doenca? Foi tratado por algum medico?  
— Foi, sim, senhor.

— Olhe, cá está, cá está. Desde que ha medicos na Terra, é esta pouca vergonha, escangalham-me a escrita toda! O senhor só devia morrer em 1930!!!

# On voi la mèr d'ici



E dizem que não ha fumo sem fogo!...

# BOM HUMOR

*Na rua:*  
— Que magnificas côres tem o seu filho. E', sem duvida, do campo!  
— Não é. Foi o pai que lhe deu duas bofetadas...

\*\*\*

*O pai:*  
— Queres casar-te? Sabes o que é o matrimonio?  
— Sim, papá. Já fui ao dicionario vêr a palavra...

\*\*\*

*A mulher gorda e feia:*  
— Oiça, sr. veterinario. O meu cão-sinho tem muita febre e perdeu o apetite.  
— A senhora beija-o muitas vezes?...

\*\*\*

— Doutor. Ha sete anos que venho todos os dias á sua consulta.  
— E queixa-se o senhor? Sete anos e ainda está vivo!...

\*\*\*

Minha mulher está hoje muito constipada e não pode cantar.  
— Esplendido, homem! Bela ocasião para vocês irem hoje jantar a minha casa...

\*\*\*

*No electrico:*  
— Não se pode fumar, cavalheiro!  
— Lá começa o senhor a dar-me ordens como o meu medico...

\*\*\*

— Ela:— O dentista tirou-me todos os dentes...  
— Ele — Sim, mas deixou-te a lingua...

\*\*\*

— Como este menino se parece com a mãe. Do pai é que não tem nada.  
*O menino:*  
— Lá isso é que tenho! As calças velhas...

\*\*\*

*No club:*  
— Ha quanto tempo está o coronel a dormir naquela cadeira?  
*O criado:*  
— Não sei. O melhor será vêr a data do jornal que ele tem na mão...

\*\*\*

*O patrão:*  
— Antonio, como se explica ter encontrado um dos meus chapéus no teu quarto?  
*O criado:*  
— Felicito-me por o patrão o ter encontrado. Julgava, naturalmente, que lho tinham roubado...



Enquanto houver destes aparelhos, não me falta a gasolina p'rás curvas.

## CRONICAS FOTOGENICAS

As aventuras  
de M.<sup>me</sup> Sousa

Como M.<sup>me</sup> Pindaigaya, M.<sup>me</sup> Sousa aprecia imenso o cinema. Solteira, M.<sup>me</sup> Pindaigaya procura, na escuridão da sala, um namorado. Casada, M.<sup>me</sup> Sousa procura um *flirt*. Todos os caminhos, porém, vão dar a Roma...

\*\*\*  
M.<sup>me</sup> Sousa, mesmo acompanhada pelo marido, é habil na conquista de um *flirt*. O marido sabia, em solteiro, que sua futura esposa era habil nos jogos do amor, dada a maneira habil e fulgurante como ela o havia conquistado. Mas nesse tempo tudo se explicava pela pressa que a futura M.<sup>me</sup> Sousa tinha de casar, pelo receio de ter de ficar para tia de meia duzia de sobrinhos e sobrinhas. Assim como, morta a função, desaparece o órgão, Sousa pensou que sua mulher, casada, cessaria de mostrar tão grandes habilidades. No que ele, afinal, se enganou — bicudamente.

\*\*\*  
Naquela noite, M.<sup>me</sup> Sousa foi, mais uma vez, ao cinema. Na mesma fila, poucos *fauteuils* distante, Madame reparou que havia um joven tenente, elegante como todos, de monoculo como quasi todos. E M.<sup>me</sup> Sousa deixou de reparar nas fitas que corriam no *écran* para só prestar atenção ao joven tenente, constantemente debruçado para o lado dela.

— Que ind. encial! — diziam duas senhoras e um cavalheiro «botas de elastico» que ficavam de permeio. — Uma senhora casada prestar-se a estas coisas!

M.<sup>me</sup> Sousa, porém, não só se prestava, como gostava e correspondia. Na doce serenidade da sua alma, o marido nunca sentira a garra da suspeita abrir chaga.

\*\*\*  
A' saída, o joven tenente não pde deixar de seguir M.<sup>me</sup> Sousa. A certa distancia, discretamente, bem entendido, mas seguindo-a sempre.

Carro do Lumiar. M.<sup>me</sup> Sousa entrou, seguida do marido. O joven tenente tomou-lhes o exerplo. Tomou as posições necessarias, num banco fronteiro, e todo o caminho foi um «engano d'alma, ledo e cego», que o facto de o marido de M.<sup>me</sup> Sousa ir mergulhado na leitura do *Diario de Lisboa*, deixou durar muito. No entanto, dos Restauradores ao fim do Campo Grande pareceu-lhes que o carro não havia gasto mais do que segundos. Repetia-se a historia do monge com o rouxinol...

\*\*\*  
O joven tenente apeou-se na mesma paragem em que M.<sup>me</sup> Sousa, acompanhada pelo seu simpatico marido, desceu. Apeou-se em primeiro lugar, mas foi retardando o passo, marchando devagarinho, pelo passeio fóra, para dar tempo a que madame passasse adiante e ele pudesse vêr onde era o palacio encantado duma tal beldade. (M.<sup>me</sup> Sousa era indiscutivelmente bonita. Pintava-se bastante, oxigenava bastante os cabelos, tinha uma dentadura bastante postica — mas era alta, elegante, e tinha uns olhos... uns olhos... uns olhos...)

E o que tinha de suceder, succedeu. Ao passar pelo joven tenente, M.<sup>me</sup> Sousa achou de boa tactica dizer ao marido, em voz suficientemente elevada, sorrindo com o ar mais candido deste mundo:

— Chico vê se te esqueceste da chave e não sabes que moramos no numero 380, rez-do-chão...

— Não me esqueci, filha, está descaçada! — respondeu o marido de M.<sup>me</sup> Sousa o mais ingenuamente possível.

\*\*\*  
Dez minutos depois de ter chegado a casa, M.<sup>me</sup> Sousa encontrou maneira de vir á janela e dizer ao joven tenente:

— Escreva-me em nome de Maria da Conceição, que é a minha criada. E fechou a janela.

Do que se passou nos dias seguintes não reza a historia, porque de coisas mínimas o pretor não cuida...

Carlos d'Aguilva.

## HUMORISMO DO BOM

## Wenceslao

Wenceslao Fernandez Florez — apenas Wenceslao na nossa intimidade e na popularidade espanhola — é um humorista tão da minha devoção que, ante determinados acontecimentos, pergunto — como aquele general que nos momentos difíceis pensava que faria Napoleão em tais circunstancias — que diria Wenceslao a isto?!

Assim me aconteceu quando, ha dias, passou por Lisboa o dr. Voronoff, o tal que nos pretende rejuvenescer e dar longa vida. E eis que encontro a seguinte cronica de Wenceslao que passo a traduzir com o mesmo bom desejo com que o nosso bom amigo José Parreira traduz o seu bom Le Bon.

«Quando o dr. Voronoff anunciou que podia prolongar a vida e mesmo a juventude dos humanos, graças ao enxerto de certas glandulas, surgiu ante nós esta interrogação:

— Convem-nos que este milagre se realize?

Estudemos o assunto, que tem com o nosso tema uma conexão íntima.

A Natureza sofre o grave defeito da rotina. A Natureza tem menos fantasia que uma maquina de multiplicar. O ser de carne e osso mais parecido a essa abstracta entidade é o funcionario publico. A Natureza submetete tudo a um invariavel plano preconcebido, sem se permitir a menor alteração nem o mais leve progresso, nem a mais simples correção nos seus costumes. Faz com que as quatro estações se sucedam invariavelmente umas ás outras, obriga os seres a reproduzir-se identicamente, oferece-nos sempre os mesmos espectaculos e os mesmos fenomenos.

Por coisa alguma do mundo toleraria que nascessem morangos em Janeiro, e teria um desgosto horrível se uma vaca parisse um rouxinol. Inventou quatro ou cinco *trucs* de grande espectáculo, como as tempestades, os terramotos, os vulcões em erupção e as auroras boreais, e está-os repetindo incessantemente desde os primeiros anos da existencia, sem nunca alterar o programa. A sua vida, desta maneira, é comoda e não tem que puchar pelos mtolos. E' ver-

dade que ela conta com brevidade da vida do homem. Nasce o homem, presença cinco ou seis tempestades, um certo numero de «pôr do sol» — outro *truc* velhissimo — umas quantas sessões de Parlamento, e morre. A este homem tudo lhe pareceu novo e maravilhoso. Mal tem tempo para dar conta do que viu e não cessa de elogiar os encantos da Natureza... E a Natureza vai ficando bem vista.

Mas suponhamos que a nossa vida se prolonga. Que vivemos dois seculos, três seculos, cinco seculos. Que acontecerá? O fracasso da Natureza será tremendo; a atenção curiosa do homem fatigar-se-ha de assistir aos mesmos fenomenos. E um dia encarrar-se-ha com a sua tirana, dizendo-lhe:

— Bem, já vi que neva todos os invernos e que as arvores reverdecem na primavera. Já ouvi o trovão e o ruído poderoso das ondas do mar. Que mais tens para me mostrar?

A Natureza oferecer-lhe hia um grão de trigo, explicando:

— Verifica este prodigio. Deste grão de trigo surgirá, dentro de meses, uma espiga.

Ou dir-lhe hia:

— Contempla este ovo de galinha. Dentro de meses, sairá do seu interior um lindo pintainho. Não achas isto incompreensível e magnifico?

O homem bocejaria, dizendo:

— Sim, sim, é magnifico. Mas ha muitos seculos que dos grãos de trigo saem espigas e dos ovos de galinha lindos pintos. Divertir-me hia mais se saíssem *fox-terriers* com o rabo cortado.

— Oh! — protestaria a Natureza — isso não pode ser. Eu sou muito séria. Contraí o compromisso de que saíssem sempre pintos dos ovos de galinha e nunca deles sairá outra coisa.

E o homem bocejaria porque a Natureza nada lhe podia oferecer de novo. E a longevidade ser-lhe hia insupportavel.

Desinteressem-nos, pois, do dr. Voronoff.

Pela tradução,

Perez la chaise.

## VERANEANDO



— Aqui em Algueirão ha quem corte o cabelo?  
— Ha, sim, minha senhora, mas esta semana não pode, porque anda na tosquia das ovelhas.

## Vocabulario portuguez

## Justas definições

VINHO — Bebida em cuja composição entra algumas vezes a uva.

AGUA — Bebida que o sr. Carlos Pereira raramente nos fornece, com receio de que ela nos faça mal. 40º de febre, garantidos por atestado medico.

BILHETE DE MULHER — Entradas de favor.

INCESTO — Reprodução proibida.

SEIO — O que é sei-o... mas não digo por causa da censura.

CASAMENTO — Uma coisa ainda pior que ter nascido.

NAMORO — A compra dum bilhete de galeria, ou a preparação dum *réclame* para a primeira corrida da epoca.

NOTE — Indemnização de emprego.

GRAÇA — Uma coisa que só tem o *Sempre Fixe*, a Maria da dita e o meu illustre colega Prata Dias.

FILHOS NATURAIS — Efeitos do commercio.

DIVORCIO — Uma situação muito agradável para quem se casou.

VIUVEZ — Uma coisa ainda melhor que o divorcio.

XAVIER — Um nome que se presta a varios trocadilhos de trocadilhos varios.

PROTESTO — O que os actores portugueses costumam fazer com uma certa *limpeza*.

SOGRA — Uns amores de creanças que os casados adoram. Tomam todas as fórmias possíveis e imagináveis, desde a de leões á situação de mortas.

SUSPIRO — O que te ouvi ontem á noite quando cheguei a casa...

CREANÇA — Uns amores que tanto podem ser nossos filhos como dos outros.

BURRO — Uma especie de homem casado, com quatro pés...

HOMEM — Uma especie de burro com duas patas...

AMANTE — Umas encantadoras creaturas que andam connosco de *taxi*, tarifa... variada.

GALEGO — Uma amabilidade dos nossos irmãos, além-Atlantico. Um exemplar que tanto nos serve para levar uma carta de amor como uma cautela de *prego*.

ESPOSA — A dona da nossa casa... sem dona. Aquela que, geralmente, devia ter ficado solteira.

INCOGNITO — Uma especie de filhos que não conhecemos.

BOCACIO (Brasileiro) — O nome que os nossos artistas dão aos macacos.

JORNALISTA — Uma coisa que é difícil ser, mas que abunda como cogumelos venenosos.

RELOGIO — Um diabo que dá quantas horas quer... o relojoeiro.

CALENDARIO — Um «dadrão» que, quando é dia 2, já devia marcar dia 30.



— Creia, meu amigo: eu prefiro uma mulher faladora a qualquer outra especie de mulheres.

— O quê? Pois ha-as de outra especie?



O que se diz e o que se não deve dizer

# Os acontecimentos desportivos da semana

Fluminense-Sporting: — 4 a 1.  
 E' este o primeiro resultado do pas-  
 seio ao Brasil.  
 Mas não tem importancia...  
 Foi apenas para escovar a poeira  
 aos rapazes...

\*\*\*

Por causa do que se tem passado  
 com a nossa representação nas Olimpi-  
 adas de Amsterdam, reuniram re-  
 presentantes de oito ou nove Federa-  
 ções. Pensa-se em ir junto dos pode-  
 res publicos — e pensa-se tambem em  
 realizar a Confederação Portuguesa  
 de Desportos.

E' claro que se pensa nisto por-  
 que... está muito calor — e porque é  
 este um ano de Olimpiadas...

Apesar de estarem cheias de razão,  
 as Federações não de adormecer no-  
 vamente daqui a meses — para volta-  
 rem a acordar em Julho de 1932...

Sempre assim foi, em Portugal. Só  
 se pensa em Santa Barbara quando...  
 já partiu o *Sud-Express*...

\*\*\*

Os amadores do Automobilismo não  
 podem, em Lisboa, fazer uso dos *klax-  
 ons*. A policia de transito só lhes  
 permite *businar*...

E se a pèra de borracha se rompe,  
 ou se a roubam — o automobilista é  
 multado.

Conclusão: — ha que acrescentar á  
 colecção dos sobreceletes uma pèra  
 para a busina...

E lá virá o tempo em que será ne-  
 cessario trazer dentro do automovel:  
 — um outro automovel sobrecelete...

\*\*\*

O *Imperto Lisboa Club* que, de ano  
 para ano, tem ido de mal a pior, vai  
 entrar numa fase de reorganização  
 total.

Espera, assim, evitar uma futura  
 passagem para a *Promoção* — e da-  
 qui para... a *Aspiração*...

\*\*\*

No intervalo entre dois *rounds* de  
 box:

O *boxeur*: — Tenho os dentes todos  
 partidos...

O *manager*: — Não tem importan-  
 cia... Faz-lhe o mesmo a *ele*...

O *boxeur*: — Mas não posso! Já não  
 vejo nada. Tenho ambos os olhos fa-  
 chados...

O *manager*: — Isso tambem não tem  
 importancia. Bate-lhe de memoria...

\*\*\*

Foi pouco glosado na imprensa o  
 triunfo do *Carcavelinhos* e Campeo-  
 nato Nacional de Foot-ball.

O *chocolate* de Alcantara não gosa  
 dos favores da Grande Publicidade...

Dizia um socio do *Carcavelinhos*:  
 — «Nem sequer publicaram o retra-  
 to do Presidente... a subir para um  
 carro electrico...»

\*\*\*

Na ultima assembleia geral da As-  
 sociação de Foot-ball de Lisboa, o re-  
 latorio da direcção foi *sovado* em va-  
 rios tons...

Após o que: — foi reeleita a direc-  
 ção...

Parecia mesmo uma assembleia ge-  
 ral da C. P.

\*\*\*

Num exame de Historia Universal:  
 — «Em que situação ficou Napoleão  
 após a batalha de Wagram?»

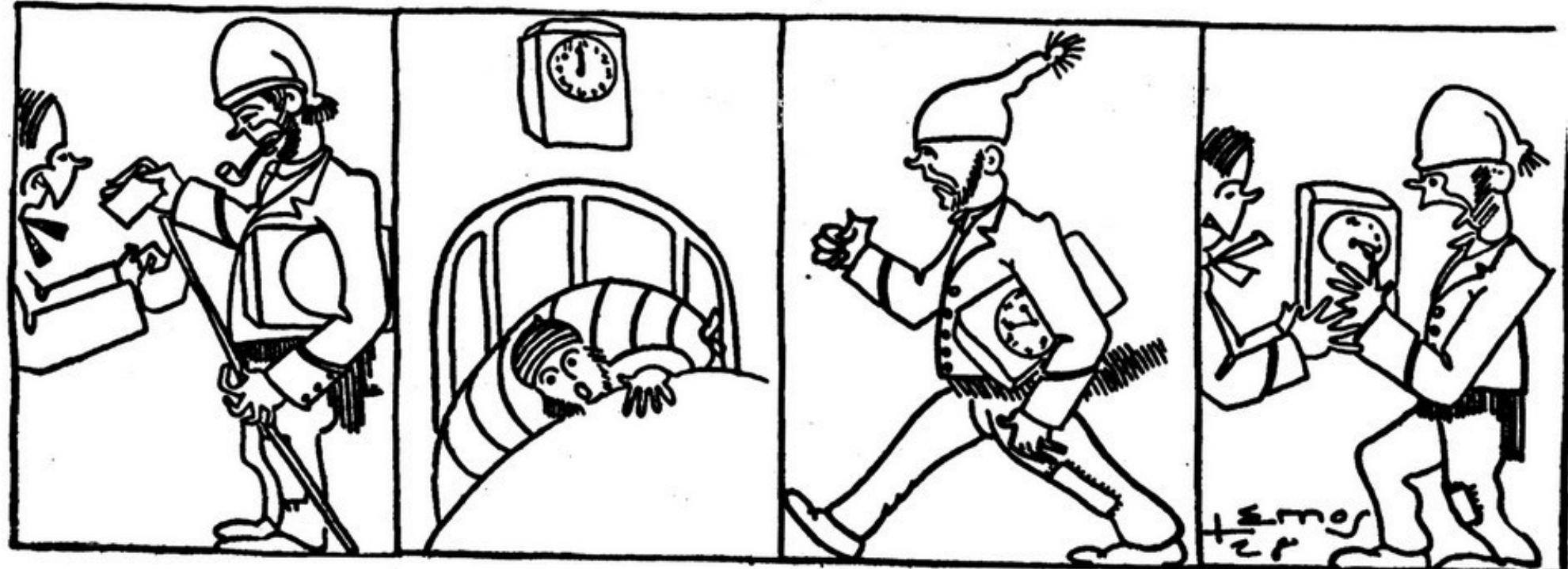
— «Campeão da Europa de todas  
 as categorias!»

## APOTEOSE FINAL (Mais provavel)



Rebola-A-Boia.

# HORAS MODERNAS



Quimôco veio a Lisboa, e embora  
 acostumado a saber as horas pelo  
 cantar do galo, comprou um relógio

e, á noite, ao voltar-se para a direi-  
 ta, ouviu, estremunhado, soar as  
 dóze badaladas.

Simôco, no dia seguinte vem a Lis-  
 boa, trouxe o relógio e disse enco-  
 lizado para o relojoeiro:

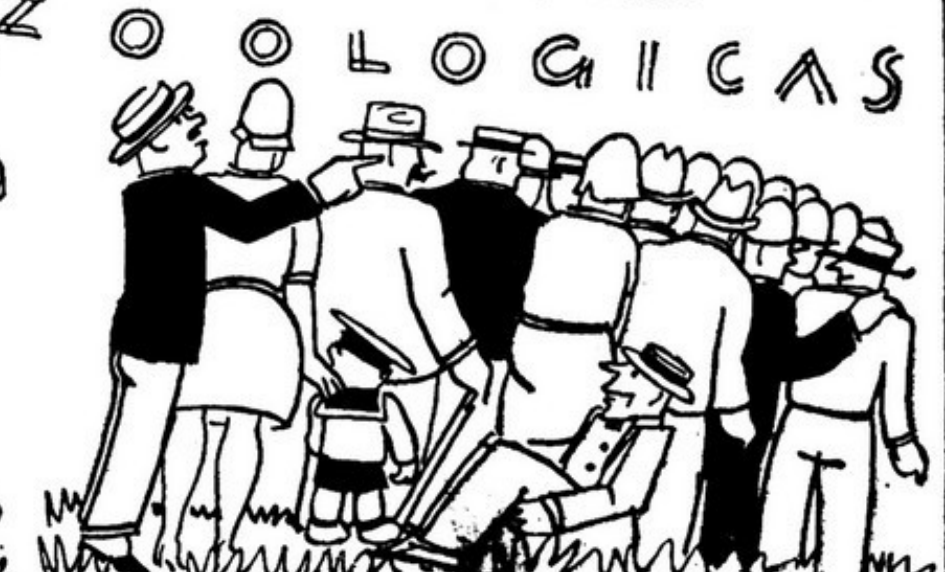
— Então vomecê vendeu-me um  
 raio dum relógio que á meia noite  
 em ponto dá meio dia?

# ECOS DA SEMANA

A PRIMEIRA BAILARINA DA COMPANHIA BRITTON, PAU... LOVA



SCENAS FRESCAS EM FAMILIA POR ESTES DIAS DE CALOR  
O BAILADO DE AS ROSAS... (SEQUE-SE A PARTITURA JA' CONHECIDA)



QUANDO O MENINO MENANO CARTOU, CHOROU-SE, SOLUÇOU-SE, DESMAIOU-SE EDCETEROU-SE...

MAS QUE LINDOS FORAM OS FOGOS A-CU-ATICOS - SOBRETUDO OUVIAM-SE MUITO BEM... B O T E L H O